

## GRAMATICALIZAÇÃO DOS USOS DO VOCÁBULO MAL

Mário Eduardo T. Martelotta\*  
Edna Inácio da Silva e Silva\*\*

*RESUMO: Este trabalho objetiva descrever as possíveis trajetórias de mudanças percorridas pelo elemento mal, à luz do paradigma da gramaticalização. Depois de estabelecer uma classificação dos usos do elemento no português atual, procurou-se relacionar sua origem latina com esses usos, observando como se dá o processo de mudança ao longo do tempo. Conclui-se que o elemento, originalmente advérbio de modo, sofre duas trajetórias de mudança: ou passa a funcionar como operador argumentativo, ou como prefixo. Quanto à natureza da mudança, trata-se de uma mudança pancrônica.*

*PALAVRAS-CHAVE: gramaticalização; metáfora; metonímia.*

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é descrever a trajetória que caracteriza os usos do elemento **mal**, com base no paradigma da gramaticalização, buscando demonstrar como esse elemento vai progressivamente assumindo novas funções de caráter gramatical, conseqüentes de processos metafóricos e metonímicos de mudança.

As análises foram feitas com base no *corpus* Discurso & Gramática, constituído de entrevistas orais e escritas, concedidas por informantes de 3º e 2º graus, 8ª e 4ª séries e CA Supletivo e Infantil.

As hipóteses de que partimos são as seguintes:

- a) Os usos do elemento **mal** podem ser explicados pelo paradigma da gramaticalização;

(\*) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(\*\*) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- b) Com exceção da trajetória para conjunção temporal, os usos de **mal** no português são decorrentes de processos de mudança que já ocorreram em latim;
- c) Existem duas trajetórias de gramaticalização distintas. Uma leva o elemento a assumir a função de conjunção temporal, outra, a funcionar como prefixo de negação.

## 1. OS USOS DO ELEMENTO MAL

Tradicionalmente o elemento **mal** é classificado como substantivo, como advérbio de modo e como conjunção subordinativa temporal, além de ocorrer como prefixo. As entrevistas ratificaram parcialmente essas análises, no sentido de que, além de apresentarem esses valores, exibem alguns casos que aparentemente estão em pontos de mudança entre um uso e outro desse elemento.

É interessante ressaltar que esses usos refletem uma trajetória de mudança, que parece não se restringir ao elemento em análise, mas aplicar-se também aos casos de **apenas** e **bem**: inicialmente advérbios de modo, esses elementos sofrem gramaticalização, tornando-se operadores argumentativos.

## 2. ORIGEM DO ELEMENTO MAL

O elemento **mal** possui origem latina. Como advérbio, provém, por apócope, de **male**. Como os advérbios latinos eram originados de um modo geral de adjetivos, **male** não constitui exceção: segundo Cart *et alii* (1986), provém do adjetivo de 1ª classe **malus - a - um**, a cujo radical foi acrescido o sufixo formador de advérbio e. Ainda em latim, **male** gerou o substantivo **malum - i** e um uso como prefixo, que se liga basicamente a participípios e adjetivos. Citamos, como exemplo desse último caso, o vocábulo **maledictus**.

Em português encontram-se as mesmas funções do elemento **mal**. Além do uso como prefixo (ex.: **malcriado**, **malcontente**) tem-se o uso como substantivo (proveniente de **malum**) e como advérbio (proveniente de **male**). Esse **mal** advérbio gerou em português um uso com função de conjunção subordinativa adverbial temporal.

Por outro lado, o adjetivo **malus - a - um** gerou, por síncope do **l**, o adjetivo **mau**. Essa origem comum entre **mal** e **mau** explica o fato de que palavras relacionadas morfológicamente a **mau** escrevam se com **l**, como, por exemplo, **maldade**, **malvado**.

### 3. O ELEMENTO MAL NO CORPUS

De acordo com Hopper & Traugott (1993) Heine et alii (1991), Traugott & Heine (1991) e Sweetser (1990), gramaticalização é um processo linear e unidirecional, através do qual determinados elementos lexicais passam a assumir progressivamente novos valores gramaticais. Com base nisso, procuramos analisar a trajetória de mudança que caracteriza os usos do elemento **mal**, através das entrevistas concedidas ao *corpus* Discurso & Gramática.

Em todo o *corpus* analisado, encontramos apenas 29 ocorrências de **mal**. A maioria apresentou valor de advérbio de modo e um único caso apresentou valor de conjunção temporal, resultante de um processo de gramaticalização. Não ocorreram, portanto, usos como substantivo e como prefixo, que, apesar disso, são bastante comuns no português. Como exemplo de prefixo podemos citar a palavra **malsofrido**, retirada do *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, assim como os demais exemplos pertinentes a este tipo de uso. E, no caso de substantivo, temos o exemplo abaixo, retirado da Bíblia:

(1) Não temerei **mal** algum.

Com função de advérbio de modo, apresentamos os exemplos abaixo, retirados do *corpus*:

- (2) ...a faculdade está sem dinheiro para manter a instituição... os professores estão recebendo **mal**... ganhando **mal**... eh::... tem muitos centros acadêmicos que estão fechando...
- (3) ...eu acho que os professores são **mal** remunerados... e:: eles... perdem um pouco de interesse...

Nesses exemplos, ocorrem casos de **mal** ligados a um verbo (ex. 2) e a um particípio (ex.3). É ainda possível, embora constitua um caso mais raro, esse elemento ligar-se a adjetivos. Nesses casos, o **mal** tende a se tornar prefixo, perdendo, em alguns casos, seu sentido de advérbio de modo para assumir valor negativo, como em **malsão** (= doentio, nocivo à saúde).

Quando modifica um verbo, o **mal** coloca-se comumente depois deste e, quando modifica particípios e adjetivos, inevitavelmente os precede. Parece haver uma tendência de, ocorrendo depois do termo a que se refere, o **mal** assumir valor de advérbio de modo e, antes do termo, um valor de negação, que tende a se manifestar também em alguns casos em que o elemento funciona como prefixo. Como vocábulo, o valor de negação surge de contextos como o do exemplo abaixo:

- (4) Um conhecido meu foi jantar na casa da noiva, era o primeiro jantar com a família toda reunida, foi servido bife, sendo que o Ricardo não gostava muito de carne e ainda por cima o bife estava duro, que **mal** dava para partir.
- (5) Agora, meu irmão está lá. **Mal** pode andar. Ele só se arrasta.

No caso do exemplo (4), já se pode perceber um valor de negação, ou seja, o sentido básico de advérbio de modo assume, nesse contexto, um valor próximo ao de negação: dificuldade, impossibilidade e negação, nesse contexto, tendem a se aproximar. No caso do exemplo (5), retirado do jornal *O Dia* de 15/10/96, esse sentido de negação é mais perceptível, uma vez que o informante conclui, dizendo que seu irmão “só se arrasta”. Ora, arrastar-se não é o mesmo que andar.

Não estamos, entretanto, afirmando com essa análise que o elemento em questão assumia definitivamente um sentido negativo nesses exemplos. Estamos apenas levantando a hipótese de uma mudança semântica decorrente de um contexto de ambigüidade. Contextos como esses pressionam o elemento a assumir o valor negativo, que parece se efetivar na língua em seu uso como prefixo. A esse tipo de mudança de cunho metonímico em que o contexto pressiona o vocábulo a assumir um novo sentido, Traugott & König (1991) chamam pressão de informatividade.

#### 4. O MAL COMO PREFIXO

Um dos processos de gramaticalização envolvendo o elemento **mal** o leva a se fixar ao verbo, ao particípio e ao adjetivo, funcionando como prefixo, que ora mantém o sentido original (de modo ruim ou negativo), como em **mal-estar** ou **malogrado**, ora assume valor de negação semelhante a **-des**, como **malcontente** (= descontente) ou **mal-engraçado** (= desengraçado), podendo, mais raramente assumir valor de intensidade como em **malferido** (= ferido gravemente) e **mal-enganado** (= bastante enganado).

No que se refere ao processo de gramaticalização que leva o **mal** a se tornar prefixo, pode-se ver graus de integração ou fixação: em casos como **mal remunerado** e **mal estruturado**, tem-se um nível mais baixo de integração, uma vez que apresenta uma união mais casual de vocábulos;

em casos como **malcriado** e **mal-educado**, já se pode perceber um nível de integração maior, em função do fato de se tratar de expressões cristalizadas. Em **malcontente** e **malferido**, em que o elemento perde definitivamente seu valor de modo, há uma integração mais definitiva.

## 5. O MAL COMO CONJUNÇÃO

No português atual, o **mal** não mantém apenas os mesmos valores encontrados em sua origem latina, mas tende a assumir novas funções gramaticais. Segundo Coutinho (1976:269), ao contrário do que aconteceu com as preposições, foram poucas as conjunções latinas que chegaram ao português. Os falantes foram buscar em outras classes de palavras, sobretudo nos advérbios e nas preposições, elementos que desempenham as funções argumentativas típicas das conjunções.

Partimos do princípio segundo o qual o uso do elemento **mal** como conjunção temporal é conseqüente de uma trajetória de mudança por gramaticalização Adv. de modo > texto:

- (6) ...aí... **mal** eu terminei de ler/terminei de ler o texto no dia seguinte de manhã... ela também... aí a gente chegou lá... não houve jeito de adiar... o seminário... aí a gente começou a apresentar... e::

O elemento **mal**, no contexto acima, dá uma idéia de seqüencialidade temporal imediata, ou seja a ação seguinte ocorre imediatamente após a anterior. O elemento passa a assumir um novo caráter gramatical, o de conjunção subordinativa adverbial temporal. O elemento tende a comportar-se de maneira mais fixa, posicionando-se no início da cláusula, dando uma orientação argumentativa ao enunciado.

## 6. O ADJETIVO MAU

Embora, o elemento **mau** não constitua nosso foco principal de análise, é inevitável mencioná-lo, em função da semelhança fonética, e até mesmo semântica, com o elemento **mal**.

Como já foi demonstrado anteriormente, os elementos, **mal** e **mau** têm uma origem comum. A princípio, ambos partem do adjetivo latino **malus - a - um**, sendo que o elemento **mal** já havia percorrido uma trajetória de gramaticalização em latim, antes de gerar o advérbio português *mal*. Tal origem explica o fato de que ambos os elementos **mal** e **mau** no seu uso da língua escrita causem tanta estranheza, gerando erros na escolha de seus usos.

Em alguns contextos, percebe-se, claramente, que, associada a uma confusão causada pela semelhança fonética, a sutileza referente à diferença de sentido existente entre os dois elementos gera erros no seu uso em língua escrita, como ocorre no trecho abaixo, retirado de um relato de opinião escrito:

- (7) ... por isso o governo deixa a educação do nosso país se afundar, deixa as escolas caírem, mal conservadas, sem material didático e ainda remunera de forma injusta os profissionais da educação. Mas também existe o mal profissional, que julga culpa do fracasso no salário.

## CONCLUSÃO

As análises aqui desenvolvidas levaram-nos às seguintes conclusões:

- a) O paradigma da gramaticalização funciona muito bem no que diz respeito à análise dos usos de **mal**, pois explica-lhe a trajetória, demonstrando semelhanças com outros elementos de natureza comum;
- b) Constata-se o caráter pancrônico da gramaticalização, quando se observa

que, por um lado, a maioria dos processos de mudança que envolvem o elemento já ocorreram em latim. Entretanto, em português, não só o elemento manteve os valores já adquiridos, mas continuou a refletir as mesmas tendências, no sentido de que continuaram produtivos. O advérbio *male*, por exemplo, gerou o prefixo *male-* em latim e, em português, o advérbio *mal* continua gerando, ou seja, nosso *mal* prefixo não ocorre apenas nas palavras em que já ocorreram em latim, mas continua produtivo, ocorrendo em palavras portuguesas novas;

- c) A partir do momento em que assume função de advérbio, o elemento *mal* passa a desempenhar funções mais fixas e mais gramaticais. Por um lado, passa gradativamente a desempenhar a função de prefixo, que já ocorria em latim, e por outro, a função de conjunção temporal.

*ABSTRACT: This paper describes the possible clines whereby the word mal goes through. After establishing a classification of uses of this word in contemporary Portuguese, we intend to relate its Latin source to this uses. In this way, we shall observe the way of the change process in the course of time. As a result of this research, we concluded that the word, that is originally an adverb of manner, goes through two different clines: it either acquires characteristics of a discourse marker or characteristics of a prefix. Considering the nature of change we characterized it as a pancronic one.*

*KEY WORDS: grammaticalization; metaphor; methonymy.*

## BIBLIOGRAFIA

- CART, A., GRIMAL, P., LAMAISSON, J. e NOIVELLE, R. (1986) *Gramática Latina*. São Paulo, T. A. Querciroz Ed. / Ed. da Universidade de São Paulo.

- COUTINHO, Ismael de Lima (1976) *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico.
- ERNOU, A. e MEILLET, A. (1959) *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris, Librairie C. Klincksieck.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (1986) *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike (1991) *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago, The University of Chicago Press.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (1993) *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo T. (1994) *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Rio de Janeiro, UFRJ (Tese de Doutorado).
- SWEETSER, Eve. (1990) *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, Cambridge University Press.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs (1988) Pragmatic Strengthening and grammaticalization. In S. Axmaker, A. Jaisser e H. Singmaster (eds). *Proceedings of the fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs e HEINE, Bernd (1991) *Approaches to grammaticalization. Vol I Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam, Benjamins.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs e KÖNIG, Ekkehard (1991) The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: Traugott e Heine ed.. *Approaches to grammaticalization. Vol I Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam, Benjamins.